



# ***SBGG ARTIGOS COMENTADOS***

***Rubens De Fraga Júnior***

Professor da disciplina de gerontologia da Faculdade Evangélica Mackenzie do Paraná. Médico especialista em geriatria e gerontologia pela SBGG.

Coordenador do SBGG ARTIGOS.

Editor do SBGG ARTIGOS COMENTADOS.

E-mail: [geripar@gmail.com](mailto:geripar@gmail.com)

## ***Um em cada três cuidadores de familiares com doença de Alzheimer apresentam sintomas persistentes de depressão***

***Mais de 60% dos cuidadores familiares de indivíduos com doença de Alzheimer (DA) apresentavam pelo menos sintomas depressivos leves já no momento em que o indivíduo com DA foi diagnosticado. Em um terço deles, os sintomas depressivos pioraram durante um seguimento de cinco anos.***

O estudo realizado na Universidade da Finlândia Oriental incluiu 226 cuidadores familiares de indivíduos com DA. Os sintomas depressivos vivenciados pelos cuidadores foram acompanhados por cinco anos, a partir do diagnóstico do indivíduo com DA.

61,5% dos cuidadores apresentavam sintomas depressivos no momento em que o indivíduo com DA foi diagnosticado.

Em mais da metade deles, os sintomas depressivos permaneceram leves durante o acompanhamento e até diminuíram em alguns casos, mas um terço experimentou um aumento nos sintomas depressivos. Nos cuidadores cujos sintomas depressivos pioraram durante o seguimento, os sintomas aumentaram principalmente no terceiro e quinto ano após o diagnóstico do indivíduo com DA.

Os cuidadores cujos sintomas pioraram eram tipicamente mulheres que cuidavam do cônjuge, e o cônjuge apresentava mais sintomas neuropsiquiátricos. No entanto, a capacidade funcional do indivíduo com DA, ou a gravidade de sua doença, não foram associadas aos sintomas depressivos dos cuidadores familiares.

Os sintomas depressivos fragilizam, por sua vez, a saúde dos cuidadores.

### **A saúde e o bem-estar dos cuidadores também devem ser monitorados**

"De acordo com este estudo, cerca de um terço dos cuidadores experimentam depressão persistente ao cuidar do familiar portador de Alzheimer. Parece que a gravidade ou progressão do distúrbio de memória não explica os sintomas dos cuidadores, mas estão relacionados aos antecedentes individuais", diz a professora

adjunta Tarja Välimäki do Departamento de Ciências da Enfermagem da Universidade da Finlândia Oriental.

"Os cuidadores entram na situação de cuidar, que pode durar muitos anos."

Os resultados corroboram os achados anteriores do estudo ALSOVA, sugerindo que seria possível identificar os cuidadores familiares que acumulam vários fatores de tensão durante os anos de prestação de cuidados.

"É importante considerar a saúde do cuidador já ao olhar para a situação do indivíduo com DA. A avaliação e o acompanhamento contínuo da saúde e bem-estar dos cuidadores familiares devem ser incluídos no tratamento dos distúrbios de memória", diz Välimäki.

O estudo, publicado na *Clinical Gerontologist*, foi realizado como parte do estudo ALSOVA da Universidade da Finlândia Oriental, que realizou um acompanhamento de cinco anos de indivíduos com DA recentemente diagnosticada e seus cuidadores familiares. O estudo multidisciplinar combina conhecimentos médicos, terapêuticos, econômicos, farmacológicos e psicológicos. Todos os participantes do estudo diagnosticados com DA foram examinados e tratados de acordo com as diretrizes atuais de cuidados para a doença de Alzheimer.

Fonte: Tarja Välimäki et al, Different Trajectories of Depressive Symptoms in Alzheimer's Disease Caregivers—5-Year Follow-Up, *Clinical Gerontologist* (2022).

## ***Estar sozinho e infeliz acelera o envelhecimento mais do que fumar, diz estudo***

***O dano molecular se acumula e contribui para o desenvolvimento de fragilidades relacionadas ao envelhecimento e a doenças graves. Em algumas pessoas, esses processos moleculares são mais intensos do que em outras, uma condição comumente chamada de envelhecimento acelerado.***

Um artigo publicado apresenta um novo relógio de envelhecimento com dados sanguíneos e biométricos de 11.914 adultos chineses. Este é o primeiro relógio de envelhecimento a ser estudado exclusivamente em uma coorte chinesa de tal volume.

A aceleração do envelhecimento foi detectada em pessoas com histórico de acidente vascular cerebral, doenças hepáticas e pulmonares, fumantes e, o mais interessante, pessoas em estado mental vulnerável. De fato, sentir-se sem esperança, infeliz e solitário mostrou aumentar a idade biológica mais do que fumar. Outros fatores ligados à aceleração do envelhecimento incluem ser solteiro e morar em área rural (devido à baixa disponibilidade de serviços médicos).

Os autores do artigo concluem que o aspecto psicológico do envelhecimento não deve ser negligenciado nem em pesquisas nem em aplicações práticas de anti-envelhecimento. De acordo com Manuel Faria, da Universidade de Stanford, "os estados mentais e psicossociais são alguns dos preditores mais robustos de resultados de saúde - e qualidade de vida -, mas foram amplamente omitidos dos cuidados de saúde modernos".

Alex Zhavoronkov, CEO da Insilico Medicine, aponta que o estudo fornece um curso de ação para "retardar o envelhecimento psicológico em escala nacional".

No início deste ano, a Deep Longevity lançou um serviço web de saúde mental guiado por IA, FuturSelf. AI, baseado em uma publicação anterior em *Aging-US*. O serviço oferece uma avaliação psicológica gratuita que é processada por uma IA e fornece um

relatório abrangente sobre a idade psicológica do usuário, bem como o bem-estar mental atual e futuro.

Fonte: Psychological and biological aging clocks reveal the main contributors to the aging rate in Chinese older adults, *Aging-US* (2022). [DOI: 10.1000/xyz123](https://doi.org/10.1000/xyz123)

## **O risco para o desenvolvimento da doença de Alzheimer aumenta de 50 a 80% em idosos que tiveram COVID-19**

***Idosos que foram infectados com COVID-19 apresentam um risco substancialmente maior – de 50% a 80% maior do que um grupo de controle – para desenvolver a doença de Alzheimer dentro de um ano, de acordo com um estudo com mais de 6 milhões de pacientes com mais de 65 anos.***

Em um estudo publicado no *Journal of Alzheimer's Disease*, pesquisadores relatam que pessoas com 65 anos ou mais que contraíram COVID-19 eram mais propensas a desenvolver a doença de Alzheimer no ano seguinte ao diagnóstico de COVID. E o maior risco foi observado em mulheres com mais de 85 anos.

Os resultados mostraram que o risco de desenvolver a doença de Alzheimer em idosos quase dobrou (0,35% para 0,68%) durante um período de um ano após a infecção por COVID. Os pesquisadores dizem que não está claro se o COVID-19 desencadeia um novo desenvolvimento da doença de Alzheimer ou acelera seu surgimento.

"Os fatores que contribuem para o desenvolvimento da doença de Alzheimer são mal compreendidos, mas dois fatores consideradas importantes são infecções anteriores, especialmente infecções virais e inflamação", disse Pamela Davis, Distinguished University Professor and The Arline H. and Curtis F. Garvin Professor pesquisador da Case Western Reserve School of Medicine, coautor do estudo.

"Como a infecção por SARS-CoV-2 foi associada a anormalidades do sistema nervoso central, incluindo inflamação, queríamos testar se, mesmo a curto prazo, o COVID poderia levar a mais diagnósticos", disse ela.

A equipe de pesquisa analisou os registros eletrônicos de saúde de 6,2 milhões de adultos com 65 anos ou mais nos Estados Unidos que receberam tratamento médico entre fevereiro de 2020 e maio de 2021 e não tinham diagnóstico prévio de doença de Alzheimer.

Eles então dividiram essa população em dois grupos: um composto por pessoas que contraíram COVID-19 nesse período e outro por

pessoas que não tinham casos documentados de COVID-19. Mais de 400.000 pessoas foram inscritas no grupo de estudo COVID, enquanto 5,8 milhões estavam no grupo não infectado.

"Se esse aumento de novos diagnósticos da doença de Alzheimer for mantido, a onda de pacientes com uma doença atualmente sem cura será substancial e poderá sobrecarregar ainda mais nossos recursos de cuidados de longo prazo", disse Davis. Agora, muitas pessoas nos EUA tiveram a COVID e as consequências a longo prazo ainda estão surgindo. É importante continuar monitorando o impacto desta doença em futuras incapacidades."

Rong Xu, autor correspondente do estudo, professor de Informática Biomédica da Faculdade de Medicina e diretor do Centro de Inteligência Artificial em Descoberta de Medicamentos, disse que a equipe planeja continuar estudando os efeitos do COVID-19 na doença de Alzheimer e outros distúrbios neurodegenerativos – especialmente quais subpopulações podem ser mais vulneráveis – e o potencial de redirecionar medicamentos aprovados pela FDA para tratar os efeitos a longo prazo do COVID.

Estudos anteriores relacionados ao COVID liderados pela CWRU descobriram que pessoas com demência têm duas vezes mais chances de contrair COVID.

Fonte: Lindsey Wang et al, Association of COVID-19 with New-Onset Alzheimer's Disease, *Journal of Alzheimer's Disease* (2022). [DOI: 10.3233/JAD-220717](https://doi.org/10.3233/JAD-220717)